

CINE-CHICA: CINECLUBISMO E PRODUÇÃO AUDIOVISUAL NA CONSTRUÇÃO CRÍTICA DA AUTONOMIA DE NARRATIVAS

Nicole Bezerra Soares ¹

Tayse de Souto Silva ²

INTRODUÇÃO

Este trabalho relata a experiência do projeto “Cine-Chica”, que consistiu na prática do cineclubismo e da produção audiovisual como ferramentas de ação-reflexão. A ação foi oriunda das atividades de iniciação à docência³ desenvolvidas no ano de 2023, com uma turma de 9º ano do ensino fundamental, em uma escola municipal de João Pessoa (Paraíba). O Cine-Chica foi composto por duas fases: discussão crítica dos filmes exibidos e produção coletiva de um experimento audiovisual.

A exibição de ao menos duas horas mensais de filmes nacionais está prevista na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Brasil, 1996). Atendendo a este negligenciado requisito e entendendo a importância do ambiente escolar para a formação individual e coletiva, além da potência de mobilização e transformação estrutural propiciada pela educação, este trabalho estruturou-se na educação crítica e, portanto, utilizou das obras audiovisuais como temas geradores no processo de ação-reflexão (Tozoni-Reis, 2006). Diante disso, os filmes de curta-metragem foram recurso central no exercício da visão crítica da realidade local, culminando num produto audiovisual que refletisse o olhar discente em contraponto ao discurso hegemônico que exerce pressão sobre a juventude periférica, assim contribuindo para a desejada autonomia de narrativas dos sujeitos.

Cineclubismo: do elitismo à democratização do acesso ao cinema

A experiência de ir ao cinema propicia sociabilidade e senso de coletividade, além de ser uma área que evoluiu junto às formas de comunicação humana e que gera inúmeros postos de trabalho diretos e indiretos (Gusmão, 2008). Para além da discussão estética, o consumo coletivo de obras audiovisuais permite a circulação de saberes, perspectivas de mundo e reflexão sobre as realidades retratadas na tela e vividas fora

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, nicole.soares@academico.ifpb.edu.br;

² Mestre pelo Programa de Formação de Professores na área de Linguagem, Cultura e Formação Docente pela Universidade Estadual da Paraíba. Especialista em Ensino de Ciências pela AESVISA (2010) e graduada em Ciências Biológicas pela UEPB (2003), taysebiologia@gmail.com.

³ Projeto individual desenvolvido durante a vigência do Edital nº 23/2022 do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), subprojeto de Ciências Biológicas do IFPB *campus* Cabedelo.

dela. Entretanto, para atingir um caráter cultural politizado, faz-se necessário romper o circuito neoliberal “hollywoodiano” (Gusmão, 2008), a exemplo das iniciativas de festivais independentes e cineclubes no Brasil e no mundo.

O registro do primeiro clube de cinema (exibição seguida de debate da obra) surge na França dos anos 1920 denominando-se “*Ciné-club*”, reunindo artistas de variadas linguagens (Aristarco, 1961). No Brasil, a proposta surge em 1928 na cidade do Rio de Janeiro sob o nome de “Chaplin Club”, se espalhando pelo país a partir da década de 1940, mas ainda limitada a uma classe intelectualizada e restrita. Somente na década seguinte, toma um recorte de questionamento sociocultural e renovação de valores, sobretudo em cineclubes de cidades afastadas dos grandes centros e capitais onde ainda predominava a estética eurocentrada (Gusmão, 2008).

Além da afinidade cultural dos grupos sociais que movimentavam os clubes de cinema, o caráter político ascende a partir de 1970, com forte apelo à resistência democrática e ao envolvimento de sindicatos, movimentos sociais e partidos clandestinos, seguido de um hiato da prática cineclubista que durou do fim da ditadura até o início do século XXI (Gusmão, p. 11, 2008).

Cinema na escola

O recurso fílmico demonstra maior acessibilidade que o discurso científico e, por esta razão, permite maior efetividade na alfabetização científica, lançando mão da interdisciplinaridade e caráter lúdico (Amorim, 2013). ainda reforça a relevância da educação no processo de vida presente e não apenas futura, sendo indispensável a integração entre comunidade e escola, além da conexão entre conteúdo e realidade vivida fora dela. Uma desejada consequência desse processo é a emancipação dos indivíduos a partir da aprendizagem com significado (Amorim, 2013).

Na tentativa de romper com a ordem tradicionalista de ensino, é comum que haja resistência inclusive por parte de estudantes que, acostumados com a rigidez da hierarquia, moralização e autoritarismo (Leroux e Martinez, 2015; Cardoso 2024), não reconhecem nos filmes um meio de efetivo aprendizado.

Leroux e Martinez (2015), em sua experiência de cineclubes em uma escola penitenciária, falam na possibilidade de interpretação singular oriunda de cada participante, independente da faixa etária e/ou nível de escolarização. Transpondo o espaço de protagonismo de vivências individuais, este trabalho, através do projeto “Cine-Chica”, enfatiza o potencial coletivo para o reconhecimento dos sujeitos, sua

organização social e intervenção no meio. É uma experiência que valoriza o senso crítico, saberes e conhecimentos científicos prévios dos sujeitos, sendo estes capazes de reconhecer, questionar e criar com propriedade. Para sua concretização, é necessária uma mediação sensível e estruturada na horizontalidade a despeito da perspectiva de inato “embrutecimento” das camadas populares (Rancière, 2012), equívoco ainda recorrente em propostas oriundas da iniciativa acadêmica.

METODOLOGIA

Local do Projeto

As atividades ocorreram na Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisca Moura, localizada no bairro de Mandacaru, na capital paraibana. Mandacaru se insere na região norte da cidade e além do estigma de violência urbana, carrega fortes tradições populares, como a ala-ursa, grupos carnavalescos indígenas e festividades de terreiro. A EMEF Francisca Moura, cujo apelido “Chica Moura” inspirou o título do projeto, existe desde 1973 e homenageia uma importante educadora do bairro, já falecida. No período diurno, atende às modalidades de ensino regular (do 6º ao 9º ano do ensino fundamental anos finais) e Educação de Jovens e Adultos (ciclos I ao IV) à noite, totalizando cerca de 540 estudantes.

Público Participante

O Cine-Chica foi realizado de acordo com a possibilidade do calendário letivo, durante as aulas de sexta-feira da disciplina de Ciências, com a turma do 9º ano A (cerca de 35 alunos entre 14 e 19 anos, todos habitantes do entorno da escola). A turma foi escolhida devido à maior disponibilidade de aulas “geminadas⁴” da citada disciplina.

Cine-Chica

Cineclube

As sessões ocorreram na sala de aula da turma, no tempo de duas horas/aula, equivalentes às aulas de Ciências disponíveis e cedidas pela professora da disciplina supervisora do projeto. O cineclube seguiu a seguinte sequência: i) apresentação oral da obra; ii) exibição; iii) apresentação de dados técnicos básicos (ano de lançamento, direção, gênero); vi) discussão; v) elaboração de pseudo-resenha crítica escrita (dados do filme, pontos positivos e a melhorar). Utilizaram-se projetor, notebook, caixa de

⁴ Aulas em sequência.

som, arquivos de vídeo dos filmes em mp4, lousa e pincel para lousa. No momento de discussão pós-exibição, as carteiras eram dispostas em círculo. Uma das sessões aconteceu no cinema público estadual Cine Bangüê, em sessão especial para o projeto. Tão importante quanto propor novos meios de aprendizado, é redefinir o espaço físico e a compreensão organizacional escolar (Amorim, 2013). Refletindo a busca por esse modo alternativo de pensar as relações educacionais, optou-se pela configuração circular de carteiras durante os debates do cineclubes.

Foram propostos curtas-metragens brasileiros com temáticas potencialmente significantes para o público discente, havendo a possibilidade de reconhecimento e problematização diante da realidade local. A seguir, a ordem de exibição organizada respectivamente por título da obra, ano de lançamento e direção: “Ilha das Flores” (1989), de Jorge Furtado; “Eu não quero voltar sozinho” (2010), de Daniel Ribeiro; “Para’í” (2018), de Vinicius Toro; “KBELA” (2015), de Yasmin Thayná; “O Fim do Recreio” (2012), de Vinicius Mazzon e Nélio Spréa.

Oficina de produção audiovisual

Foi realizada como culminância do Cine-Chica, em parceria com o Coletivo Atuator (grupo de atrizes, atores e cineastas na capital paraibana). A oficina, adaptada para a duração de duas horas/aula, introduziu conceitos técnicos da sétima arte (breve história do cinema, planos, ângulos, fases da produção e funções num *set* de filmagens) e propôs um experimento prático utilizando *smartphones*, com mediação e edição do Coletivo e pseudo-roteiro, captação, direção e atuação dos alunos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao longo das sessões do Cine-Chica, o desafio inicial se referiu à limitação de tempo para realização tanto do cineclubes quanto da oficina, diante também da inviabilidade da realização do Cine-Chica em horário oposto ao turno da manhã (já que parte dos alunos trabalhava no contraturno da escola).

Também observou-se resistência na turma para a descaracterização da configuração enfileirada de carteiras, no caráter de voluntariado e autonomia nas atividades, além da familiarização com o hábito de oralizar ideias em meio coletivo.

Outra consideração importante foi a predominância de iniciativa dos meninos em contraste à aparente timidez das alunas da turma. Diante disso, adotou-se uma mediação mais ativa no incentivo à participação das meninas, mas ainda assim houve

pouca mudança até o final do cineclube (verificou-se que a mesma dinâmica se sustenta nas aulas convencionais). Para modificar esse cenário de desequilíbrio diretamente ligado a questões de gênero, se vê a necessidade de mobilização de toda a escola, com ações unificadas e implementadas desde a política pedagógica da instituição.

Outro momento marcante foi a reação da turma à obra “Kbela”, que foi exibida pela relevância da temática da mulheridade preta e de terreiro, sem o conhecimento de que haveria praticantes de religiões afro-brasileiras na turma. Um resultado dessa sessão foi a comoção muito positiva, segundo relatos de estudantes, por se verem ali retratadas. A sessão de “Kbela” foi a mais forte e uma grata surpresa para todas as partes.

Já como resultado da oficina, foi produzido o experimento audiovisual de curta-metragem intitulado “Merenda”, uma ficção de terror psicológico que retrata e critica a escassez nutricional nas escolas públicas, posteriormente exibido na escola. O tema e roteiro semi-estruturado foram definidos em consenso pela turma. Sobre “Merenda”, considera-se muito positivo como resultado não só da oficina, mas do reflexo da construção crítica e criativa estruturada ao longo das sessões do cineclube.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cinema pode e deve ser empregado como ferramenta de educação contextualizada, que transborda a função pedagógica e enriquece o caráter crítico-investigativo para pensar a sociedade, sendo o cineclube uma possibilidade de transformação social que coloca em perspectiva o indivíduo, suas relações e o contexto que o carrega e que por ele é carregado. A experiência do Cine-Chica revelou conflitos que ultrapassam os muros escolares (como aqueles ligados a dinâmicas papéis de gênero, falta de representatividade de culturas de terreiro), mostrando que a comunidade estudantil se interessa por discussões sociopolíticas na escola e carece de espaços para que ela aconteça.

Palavras-chave: Cineclube, Educação crítica, Temas geradores, Interdisciplinaridade.

AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (Capes), pela concessão de bolsas do PIBID. Ao coordenador de núcleo, Thiago Ruffo (IFPB) e à supervisora Tayse de Souto Silva, ambos pela orientação sensível e aberta ao novo.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Nádia Ribeiro. **Análise pedagógica do cineclube escolar para debater ciência-tecnologia-sociedade-ambiente com enfoque da pedagogia histórica-crítica**. 2013. 137 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação em Ciências e Matemática, Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática, Instituto Federal do Espírito Santo, Vitória, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ifes.edu.br/handle/123456789/161>. Acesso em: 11 jan. 2024.

ARISTARCO, Guido. **História das teorias do cinema**. Lisboa: Arcádia, 1961.

BRASIL. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: **Diário Oficial da União**, ano 134, n. 248, 23 de dez. 1996, p. 27833-27841, 1996.

CARDOSO, Nataliê Andiará Be. Por uma práxis da autonomia estudantil: narrativas, oficinas e formação política: For a praxis of student autonomy: narratives, workshops and political formation. **Revista Cocar**, [S. l.], v. 20, n. 38, 2024. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/7877>. Acesso em: 8 jul. 2024.

GUSMÃO, Milene Silveira. O desenvolvimento do cinema: algumas considerações sobre o papel dos cineclubes para formação cultural. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 4., Salvador. **Anais [...]**. Salvador: Faculdade de Comunicação/UFBA, 2008. 15 p. Disponível em: <https://www.cult.ufba.br/enecult2008/14469.pdf>. Acesso em: 10 jan 2024.

LEROUX, Liliane; MARTINEZ, Ana Beatriz Campuzano. “É aula ou filme, professora?”: cenas de um cineclube na escola prisional. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 12, n. 29, p. 265-281, 01 dez. 2015. Disponível em: <https://mestradoedoutoradoestacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/reeduc/article/view/972>. Acesso em: 12 jan. 2024.

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. Trad. Ivone C. Benedetti. São Paulo: WMF Martins Fontes, 1ª edição, 2012.

TOZONI-REIS, M. F. de C. Temas ambientais como “temas geradores”: contribuições para uma metodologia educativa ambiental crítica, transformadora e emancipatória. **Educar**: Curitiba, Editora UFPR, n. 27, p. 93-110, 2006.